

O ECCO DE BARCELLOS.



Só em Barcellos houve alardo um dia,
Em que o Sol pelos campos dilatados
Com terrivel e fera gallardia
Desasete mil peitos vio armados.

[Poema Epitalamio de Manoel de Gallegos. Oitava 81].

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL. DAVID DE BARROS E SILVA BOTELHO.

PREÇO D'ASSIGNATURA.	PUBLICA-SE AS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS.	E COM ESTAMPILHAS.
Por um anno..... 24700	Numero avulso 30 rs. Anuncios e Correspondencias, por linha 40 rs. Repetições 20 rs. Para os subs. assignantes por linha 20 rs. repetições 10 rs.	Por um anno 24920
Por seis mezes..... 13200	Os annuncios e correspondencias, devem ser remetidas francas do porte ao redactor do ECCO DE BARCELLOS.	Por seis mezes 13460
Por tres mezes..... 6550	Assigna-se em Barcellos na loja de Joaquim Alves Vallongo e Souza, rua Direita n.º 30.	Por tres mezes 6730
		Para o Estrangeiro accresce o porte.

BARCELLOS 4 DE OUTUBRO.

O governo foi authorisado pelas côrtes a decretar a livre importação temporaria de cereaes; e armado desta authorisação reservou o uso della, para quando a necessidade o terminasse.

A elevação do preço, do trigo principalmente, revelou essa necessidade, e o ministro respectivo julgou chegado o momento de providenciar, na esphera dos poderes de que está investido, e consultou o conselho geral do commercio, que aconselhou a entrada de cereaes até Abril de 1862, por entender que só para Janeiro poderão chegar das differentes procedencias, os carregamentos que o commercio agora pedir para o estrangeiro.

A estas horas é provavel que a medida esteja decretada.

Mais uma vez se recorre a esta medida excepcional, e de character provisorio, como meio de resolver a crise produzida pelo desequilibrio entre a offerta e pedido, do artigo principal de alimentação

publica; e mais uma vez se evidencia á luz dos mais racionais principios, a necessidade de uma lei permanente, que acabe com todos os graves inconvenientes das medidas excepcionaes e de occasião, em uma das mais serias e mais importantes questões, com relação á vida economica do paiz.

A razão em que o conselho de commercio baseou a necessidade da prolongação do praso até Abril do anno de 1862, é argumento que serve a comprovar, que as medidas excepcionaes, a importação temporaria de cereaes decretadas quando a carestia artificial ou real manifesta o desiquilibrio entre as necessidades do consumo e a quantidade que apparece no mercado, não atenua a crise para logo, quando a carestia é real; e como remedio, tardio, não sabemos se os males provenientes das perturbações que produz, são compensados com as vantagens que dellas se esperam.

E' necessario acautelar ás necessidades do consumo, a carestia artificial. A alimentação publica,

questão capital na esphera economica, deve merecer sempre o primeiro cuidado ao legislador; porém os interesses da propriedade rustica do paiz são tambem de muito peso; e desattendel-as, seria erro fatal.

E' claro portanto, que o justo meio está na conciliação legitima dos interesses do productor, com as necessidades do consumidor, procurando-se por uma medida permanente e justa, deixar ao movimento regular do commercio, e lei natural que o regem, o cuidado de evitar esses desiquilibrios que produzem as crises. As medidas excepcionaes, provisórias, muitas vezes longe de restabelecerem o equilibrio, trazem o desiquilibrio, na razão inversa do que era; dando assim nos accidentes de perturbações indeterminadas, prejuizos ao commercio, que acha perdas onde esperava lucros, e aos agricultores do paiz, que não podem achar para os seus productos o valor do trabalho e despesas que lhes custaram.

É por tanto da maior urgencia,

FOLHETIM.

Carta de José Procopio ex-regedor de Rio Mau, a seu primo Gonçallo Pharmaceutico em Barcellinhos.

Caro primo: Já sei que hade estar de beija torta, por não lhe ter respondido á sua epistola, mas motivos bem fortes me tem impedido de o fazer; estou bem certo que o primo attendendo a isso e ás novidades que vou contar-lhe, desculpará o seu Procopio.

Primeiro que tudo dir-lhe-hei que o logar que o seu primo vai desempenhando como as forças lho permittem vale mais que ser juiz Eleito, juiz de Paz ou mesmo camarista. E' um emprego, primo, que além de ser decente, rende algum vinhem; não é nem mais nem menos que ermitão de S. Verissimo. O sancto é de muitos milagres, as esmolas abundam e eu vou lucrando com tudo isto: do que não gosto é de ver a confraria administrada por padres... e quasi todos lazzaristas: o ja que falci nisto dir-lhe-hei, primo, que ha por aqui certos padrecas, que fallando-lhe, em irmãos da caridade e lazzaristas vão ás nuvens e comção a vociferar contra os periodicos, recomendoando, que só se leia a Nação e outros papeis

desto juiz. Mas o que me admira, é os taes meninos dizerem que gostam de liberdade e ainda darem por paus e por pedras, quando por desgraça se lhes toca nissó. Primo, eu tenho cá para mim que quem hoje é lazzarista é inimigo mortal da liberdade e que elles e os miguelistas só em Rilhafóles poderão existir; porque do contrario daqui a pouco nem eu pararei em S. Verissimo nem ao primo lhe ficará um vidro direito. Tenha paciencia. Quero ainda contar-lhe mais alguma coisa; a viuva Pinto que o primo conhece perfeitamente, por pouco não corta uma orelha ao Manoel Maria, na occasião em que era acommetida por um dos seus costumados accessos. Confesso que lhe tenho, meu medinho, pois não é de meias medidas.

A estrada de Ponte do Lima, porque o nobre deputado Correia Caldeira, tanto se tem empenhado, caminha... mas a passos lentos. So continua assim nem no fim deste seculo chega a Braga. Pois é do grande necessidade, e a mim bem conta me fazia para poder ir a Braga sem perigo de ficar enterrado no caminho. Respeito a politica nada sei (porque não tenho podido frequentar) (cometara meu costume) os mercados que se fazem em algumas aldeias proximas, onde costumava vir o Rvd.º Encomendado d'Ardeção quando do seu favorito Nacional, diz tudo o que se

be do politica tanto interna como externa e o mesmo faz no pulpito, quando vai recitar a oração elastica que aprendera quando souhou ser orador.

O minho abundas em oradores sagrados.

Ultimamente estreou-se um, que me dizem virá a ser um dos ornamentos do pulpito portuguez. O primo conhece-o muito bem, é o seu antigo condescipulo do latim padre Manoel Barboza de Gaifar. Breve se estreará outro, que dará tambem honra ao pulpito portuguez, é o padre Vicente que tem de orar em S. Simão.

Muito mais tinha que lhe contar mas são horas de tocar a agelios e mesmo porque me consta que andão por aqui alguns larapios que me podem vir visitar e eu não ter remedio senão entregar as esmolas e depois ir dar parte do acontecido ao regedor e para evitar tantos inconvenientes será melhor tocar o sino e atigar a lampada e fechar-me na minha ermida até ao outro dia. A deus, primo, desculpe a maçada e para o correio seguinte direi mais alguma coisa.

Rio Mau 3 de Setembro de 1861.

Seu primo am.º ob.º

Ermitão de S. Verissimo.

que tão repetidas lições aproveitem, e quena proxima reunião das côrtes, o snr. Thiago Morta, tome a iniciativa que lhe compete, para que por uma vez se resolva uma questão, que tão momentosa se mostra; e que se resolva, como a boa razão os bons principios aconselham.

Ha perto d'um anno que tomamos a espinhosa tarefa de advogar pela imprensa a causa publica, cremos firmemente que não temos descido da posição que tomamos, e não ha ninguem que possa dizer com livre consciencia, que jamais em nós houve paixão politica, odio particular ou guerra pessoal; por mais que seja apurado o prisma, porque queirão ver numero por numero do nosso jornal, crêmos, repetimol-o aqui, que não encontrarão n'elle um paragraho só que deixe desmentidas as ideias que aventadasahi deixamos.

Digão embora os que queimão o incenso á estatua de Pasquino, que nós somos mudos, que nada temos dito, que o nosso jornal tem sido uma folha inutil, um soldado morto; não nos magoa isso, não nos faz recuar isso das lides da imprensa, porque dizer isso he ser menos franco, he não querer ou não saber avaliar as coisas, fugiríamos então do campo, quereríamos mil vezes antes entre tal gente passar por cobardes, do que deoer da posição que tomamos, do que despir a imprensa das suas vestes de seriedade e dar-lhe então por vestido os trajes d'uma regateira.

A falta de pessoal que nesta terra temos para trabalhar na typographia obrigou-nos a trazer de Braga um compositor; trabalhou na typographia perto de 10 mezes e, no fim d'elles desamparou-nos; mandamos vir outro, e esse no fim de 5 dias fugio tambem; não commentamos. Em quanto pois, se não habilita de novo a typographia aonde he impresso este jornal, pôde deixar de publicar-se por alguns dias, mas prehencheremos aos nossos assignantes a quem pedimos mil desculpas, as faltas que houvermos de cometer.

Abaixo trancrevemos a correspondencia do Brazil que nos foi enviada com um grande numero de retalhos de diversos jornaes da capital do Brazil, que contem correspondencias e artigos sobre a questão—consulado Portuguez no Rio de Janeiro—. Sentimos, o não podermos dispensar espaço para se publicarem aquelles artigos, que mostrão evidentemente o vulto que no Brazil tem tomado esta questão. A indignação que no Brazil era geral contra a pessoa do barão de Moreira, estende-se agora tambem contra o nosso governo e especialmente contra o ministro dos negocios estrangeiros.

Gratos como somos aos nossos irmãos que em tão longes terras forão procurar a sua felicidade, não temos, nem mesmo podiamos ter cerrado os ouvidos ás suas queixas, o mormente quando ellas chegam até nós feitas pelos nossos patricios e amigos.

Pequeno como he, este jornal de provincia tem desempenhado, parece-nos essa

missão que do Brazil nos foi recommendada por nossos patricios. Continuaremos a trilhar o mesmo caminho; não estamos, como os noseos patricios satisfeitos ainda com o proceder tão pouco agradável do nosso governo.

Agradecemos ao nosso correspondente esses meios que tem empregado para nos fazer senhores da questão, e pedimos-lhe que continue a enviar-nos as suas correspondencias, que com muita vontade lhe publicamos, contando que juntaremos ás suas, as nossas vózes em quanto que o governo não terminar por uma vez com esta questão que tanto desabono tem trazido ao nosso paiz, e desgosto aos nossos irmãos do Brazil.

CORRESPONDENCIA.

Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1861.

Illm.º Snr. redactor.

A questão consular promovida pelos portuguezes residentes neste Imperio, vai de dia para dia abrindo mais espaço para graves dissensões;

A discussão queahi tem lugar na camara dos deputados interrogando o snr. Avila pela conservação do barão de Moreira no lugar de representante de Portugal, manifesta bem o indifferentismo com que foram acolhidas as queixas de tantos portuguezes, cuja sã reputação e accrescido patriotismo tem sido até hoje o engrandecimento do seu caracter.

Faço selecção dos nobres deputados os snrs. Luciano de Castro e Rocha Peixoto que ouviram de longe soar os gritos de tantos irmãos e levantaram-se a combater aquelles que tinham baptisado a sua consciencia no cofre d'um prevaricador!

Uma representação assignada por 11,000 portuguezes—muitos dos quaes bem conhecidos pela dedicação do seu paiz—foi alcunhada pelo snr. deputado Affonseca, em termos pouco airoso para S.S.ª A representação era só de marcanos e por isso indigna de consideração!

Permitta-me S.S.ª que lho diga, que de certo ignorava completamente quem havia assignado essa representação; e ainda mesmo que fossem verdadeiras as suas palavras, eu ousou perguntar-lhe se ellas deveriam ser menos attendidas por virem d'uma classe que S.S.ª quiz considerar tão infima!

Quem mais do que os pequenos de posição necessitam do auxilio do consul? Estes primeiros que todos, deveriam ser ouvidos, porque são elles que soffrem e sentem o esquecimento dos deveres d'esse homem a quem está encarregada uma missão tão santa.

Muito teriamos a adduzir das arguições que fez o snr. Affonseca; mas caemos o muito que se poderia dizer para não avivarmos com a pena mais um traço que iria enegrecer o quadro que devemos occultar.

O snr. Avila que deveria de prompto sanar tanta discordia motivada por um homem, fez do snr. barão de Moreira um idolo—tentou ainda engrandecel-o desvirtuando tambem a sua posição elevada de ministro. E' um facto bem repugnante que mancha tambem a reputação de S.S.ª.

Ainda ha dias publicou aqui o «Diario Mercantil», uma carta que dizia ser vinda de Lisboa, ridicularisando alguns d'aquelles que haviam encaregado essa representação.

Chamarão o jornal á responsabilidade e soube-se que havia sido escripta pelo snr. barão de Moreira!

Queria V. transcrever essas linhas que provam a verdade do facto.

CONSULADO PORTUGUEZ.

«Tendo chamado á responsabilidade, por abuso de liberdade de imprensa, a publicação inserta no *Correio Mercantil* de 19 corrente, sob o titulo *Consulado Portuguez*, que diz ser carta de uma pessoa respeitavel de Lisboa, datada em 28 de Julho, que trata deste assumpto; publicação que tinha em vista ridicularisar todos os signatarios de representações contra o actual consul de Por-

tugal, e injuriar os abaixo assignados, julgamos conveniente informar o publico que o responsavel de tal publicação é um individuo de nome Luiz José de Murós.

«A vista do requerimento que o mesmo dirigio ao Sr. Dr. 1.º delegado de policia, patenteando a origem de tal publicação, entendemos não deve proseguir em nossa queixa.

«O publico que nos conhece, e que conhecerá tal origem, nos avaliará.

«VISCONDE DA ESTRELLA.

«J. PEREIRA DE FARIA.

«DR. A. M. VICTORIO DA COSTA.

«Rio de Janeiro, 24 de Agosto de 1861.

«Illm. Sr. Dr. 1.º delegado de policia.—Diz Luiz José de Murós, constando-lhe que V. S. mandára intimar ao editor do *Correio Mercantil* para apresentar em juizo o autographo da correspondencia inserta naquelle jornal no dia 19 do corrente, em que são injuriados os Srs. visconde da Estrella, conselheiro Joaquim Pereira de Faria e o Dr. Victorio da Costa; e constando-lhe mais que estes senhores vão proseguir contra o responsavel de tal publicação na forma da lei, o supplicante vem declarar perante V. S. que sendo chamado ao consulado portuguez, ahi o Sr. barão de Moreira lhe dera 20\$000 para assignar a publicação em questão, e que elle supplicante entendendo que de modo nenhum podia S. Ex. ter em vista injuriar aquelles senhores de caracter reconhecidamente distincto prestára a sua assignatura sem ler. E querendo o supplicante declinar de si a responsabilidade. Pede a V. S. baja de mandar tomar o competente termo da declaração, e mandar juntar aos autos. para constar e servir de defesa ao supplicante no caso que prosiga o processo de Responsabilidade.—E. R. M.—Rio, 23 de Agosto de 1861.—Luiz José Murós.

J. aos autos. Rio, 24 de Agosto de 1861.—

Moreira Tavares.»

Este homem tem ainda abi adomadores prestando-lhe culto—desmoralizado—vai caminhando d'ora em ora á degradação mais odiosa, e tentam levantá-lo sem mácula aos olhos dos que o abominam. E' triste e dolorosamente triste, que assim proceda um governo que não conhece a melindrosa posição de tamanha incoherencia!

Procedam como proceder,hão de ser julgados no tribunal da consciencia—e a historia lerá de registrar seus nomes—acompanhados de seus feitos.

Acceite ao menos V. estas pobres linhas do seu constante leitor.

PORTO 4 DE OUTUBRO DE 1861.

(Do nosso correspondente).

O que por cá temos de mais notavel, é a aluvião de nomes que são indicados para a futura camara municipal. Parece que a eleição será renhida. Hontem inaugurou-se em Estarreja a primeira locomotiva do caminho de ferro. Anda 6 kilometros em 7 minutos. Foi d'aqui gente assistir á festa, que esteve enthuziastica. Em 8 dias hirá a locomotiva até Ovar.

Segundo as noticias chegadas da India, a candidatura do Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos estava mal paradá. Em Damão já tinha vencido Ricardo Guimarães.

No Algarve vão apparecer dous jornaes. Está aqui um individuo encarregado de comprar prèlos.

Alguem chegado de Lisboa diz que os ministeriaes guerream a todo o transe a candidatura do Sampaio. Parece que a do Casal Ribeiro não será guerreada.

No novo banco chocam-se as influencias dos dous que se fundiram n'um só. Parece que já houve desaguizado. O pomo da discordia foi a escolha d'um empregado para primeiro caixeiro.

A companhia dos meninos florentinos continua a fazer boa colheita de corôas de prata.

A companhia lyrica é esperada por toda a semana que vem. O empresario Alba já a fôï esperar para Vigo.

Amanhã inaugura-se na Foz a sociedade Club naval, com uma pescaria; e *lunch* no Cabedello. E' grande o numero de senhoras convidadas.

O CLERO E A LIBERDADE

— IV. —

A sociedade actual, affeita ao regimen liberal, — zelosa em extremo, das suas liberdades e direitos politicos, — alargando as suas vistas pelos largos horisontes que a civilisação lhe proporciona, quasi esqueceu a Igreja.

Tem sido uma ingratição; — torna-se necessario, indispensavel, o resparal-a.

Donde nasceu a liberdade civil? donde a igualdade perante as leis? quem banio d'entre os homens os nomes de *senhor* e de *esravo*? a quem se soccorreu tantas vezes o povo contra os vexames do feudalismo da idade media?...

Foi a Igreja, em cujo codigo immortal estava escripto: — força aos fracos, protecção aos opprimidos!

Devemos notar tambem, que temos ouvido afirmar a pessoas aliás intelligentes, mas prevenidas contra as ideias de liberdade, que jamais esta palavra devia ser invocada, por não se achar consignada na sagrada Escripura.

Indignamo-nos com o argumento, que mais parece proprio dos puritanos escossezes, do que de fies e sinceros catholicos.

Não só se encontra uma vez na Biblia a palavra — direito, — mas muitas e repetidas. As ideias do direito e liberdade figuram ali sob todas as acceções possiveis; — direito de propriedade, direito hereditario das pessoas, direito de successão, direito agrário, direito dos sacerdotes, direito de sepultura, direito de guerra, e até o *direito do cidadão*, isto é, *direitos da humanidade!*

O historiador dos Machabeos, enumerando os crimes d'um tyranno, contra o qual o povo se insurreccionava, lança-lhe em rosto o esquecimento dos direitos dos cidadãos, por haver instituido leis perversas e oppressoras: — *civium jura destituens, prava instituta faciebat.* — E Assuéro, no manifesto dirigido ás cento e vinte e sete provincias do seu vasto imperio sobre os crimes de Aman, fulmina e condemna a cegueira dos mãos ministros, que julgam poder escapar ás vistas de Deos, depois de ter calcado os direitos da humanidade: — *nec contenti sunt... humanitatis in se jura violare.* —

E que são estes direitos senão os varios elementos, que constituem a *liberdade*? e não tem depois a Igreja continuado sempre este regimen protector em proveito da sociedade?...

Hoje, a sociedade, no goso das suas prerogativas, deve pagar esta divida sagrada.

A Igreja não pôde estender a esphera da sua acção, sem liberdade. E a sociedade deve-o fazer, mesmo por interesse proprio.

Proclame-se muito embora a mais ampla liberdade civil, politica, religiosa, ou debaixo de qualquer das formas que pode dar-se-lhe; — mas não neguem á Igreja a liberdade de ensino.

O goso pleno da liberdade dá a todos garantias. Todos pleiteiam direitos e se attribuem prerogativas. Porque as não daremos á Igreja? ou terá o erro mais favor que a verdade?

Não, não tem.

Mostremos a todos, que sabemos combater, luctar com esforço. O heroismo da lucta attrahirá sympathias. O athleta corajoso renovará de esforço e valor; os pusillanimes serão confirmados, e a força de exemplo, creará proselitos. Vereis que a Igreja será sempre o baluarte, a que nas grandes crises se acolherá a sociedade.

Aquillo, que ha tanto tempo a Igreja pede, quasi por favor, ha de ser-lhe dado, quando não por *convicção*, ao menos por *necessidade*.

A liberdade só encontra raizes no terreno preparado pelo Evangelho. Por outra, a liberdade só vive á sombra do catholicismo. O catholicismo prospera visivelmente sob um regimen que respeite os direitos de cada um.

A Igreja eria e salva a liberdade; a liberdade protege a Igreja.

Haja pois ampla liberdade; não liberdade

sophismada ou regateada. A Igreja não recia a verdadeira liberdade; não teme a discussão franca e desprevenida.

D'estes mal-entendidos receios anda ha muito enferma a sociedade. Ha de rehabilitar-se quando se persuadir, que não pode ser-lhe hostil a Igreja.

Harmonisem-se elementos, que devêram dar-se junctos. Compreenda o clero a liberdade, e não a guerrêe só porque em seu nome se commetteram crimes. (Tem-se commettido em nome de coisas mais sanctas!...)

E a sociedade conhecerá tambem, que deve á Igreja a sua civilisação, as suas luzes, a força das suas leis e instituções.

Porque a sociedade actual, (dizia ha tempos um orador sagrado) podemos comparal-a aquelle pobre enfermo, que esmollava á *porta aurea* do templo, quando ali entravam Pedro e João, apostolos de Jesus-Christo. Bradava o enfermo por uma esmola. Então o principe dos apostolos lhe diz: — *olha para mim!* — e como o pobre esperasse alguma coisa, *não tenho ouro, nem nada do que esperas*, (lhe torna Pedro) *mas dou-te o que possuo; dou-te a verdade e a luz. Em nome de Jesus-Christo, levanta-te e caminha!* O pobre foi-se são e salvo.

A sociedade é este enfermo.

Se ella attender a Igreja; se ella quizer pedir-lhe uma esmolla de luz e de verdade, as suas bases, — os principios sobre que assentam as suas instituções, — tornar-se-hão solidas e duraveis, nem precisarão dos fracos auxilios, que tantas vezes tem sollicitado dos seus mais capitaes inimigos!

COMMUNICADO

Em uma das ultimas sessões foi approvedo o projecto, pelo qual fica o governo auctorizado a dispender até á quantia de dous contos de reis para a organização d'uma escola da arte dramatica. O curso será triennal, e em cada um dos annos serão distribuidas quatro pensões pelos alumnos mais distinctos.

Que esta medida, considerada em si mesma, e sem relação a outras, é boa, e util, não seremos nós que o negaremos; combinada porém com outras de mais reconhecido proveito, ella é, se não pessima, pelo menos, menos util que o que parece, e menos necessaria que o que se affigura.

Foi, certamente, para estes casos que, não vai muito, disse um escriptor: « Uma reforma, que parece optima, pôde ser pessima, quando não é combinada com outras medidas. »

E' exactamente o que notamos no projecto em questão. A medida é boa, e util, porque util e bom é tudo aquillo que concorre para o desenvolvimento nacional, para a sua cultura, para a sua civilisação em fim.

Melhor porém, mais util, mais necessario até, era e é que essa protecção, que se quer dar á arte dramatica, fosse dada com preferencia á instrucção primaria, como base e porta de todos os conhecimentos, e sem a qual é impotente todo o esforço para actor ou dramaturgo.

Mas não succedê assim; e por isso temos direito a ralhar, por se antepor o util ao necessario.

Nós julgamos, com alguem, que a protecção á arte dramatica ha-de provir do gosto publico; pensamos que o verdadeiro subsidio para um dia termos actores, é principiar por ter instrucção primaria em larga escala. Havendo muito quem leia, ha muito quem queira livros e dramas; em antes não, será sempre minguada a concurrencia; a litteratura e o theatro vivem melhor do que d'antes; melhor ha-de

viver, quando todos preferirem o livro ao copo de vinho, e a livraria á taberna.

Para isso, porém, é mister augmentar os ordenados dos professores d'ensino primario, porque é ponto assentado que ninguem que saiba e possa, se sujeita por noventa mil reis a tão espinhosa tarefa, mormente quando se haja de exercer o professorado no centro de uma população, como Barcellos por exemplo, onde as necessidades e precisões a-redobram e multiplicam.

E é por isso mesmo que ha annos temos estado sem preceptor de primeiras letras, com o que se tem perdido muitos mancebos que tiveram a infelicidade de nascer da ultima camada social. Perdidos, sim; porque na idade em que deviam seguir o negocio, ainda não sabem lêr nem escrever!!!

Desenguem-se, de uma vez para sempre, os nossos governadores, ou reguladores, e commissarios d'instrucção publica, que em quanto não augmentarem o salario ao professorado, pelo menos ao das villas e cidades, nunca teremos bons mestres, nunca se derramará a sufficiente luz da instrucção, nunca teremos em fim um theatro como querem.

Comecem por dar protecção ao ensino primario, e então terão tudo; terão boas composições dramaticas, e bons pessoas que as executem; e nós teremos tambem a satisfação de registrar medidas mais bem combinadas, mais uteis, e mais necessarias.

NOTICIAS DIVERSAS.

FESTIVIDADE. — He amanhã a de N. Senhora do Rozario na insigne e Real Collegiada d'esta villa.

MISSA NOVA. — Canta missa pela primeira vez o nosso presbytero sr. Antonio José Monteiro de Lima pela occasião da festa de N. S. do Rozario.

Dizem-nos que vai orar n'esta sollemnidade pela vez primeira o sr. padre Antonio Martins de Faria. A um e a outro os felicitamos antecipadamente.

PORQUE ESPERÃO AGORA? — Temos gritado contra a conservação da estrada pelo campo em completo estado de escalete, e esses homens que por ali andão ha mais d'um anno com um ansinho de ferro a lançar ao leito da estrada o cascalho que o povo lança fóra, esses Prometeos dizião que andavão a desempenhar aquelle officio em quanto não chovia porque sem chuva não se podia cobrir o cascalho, teu chovido, e chove já ha mais d'oito dias, e no entanto lá anda o Prometteo a levar a pedra ao leito da estrada pela manhã para a vêr de tarde outra vez no meio do campo.

Pela nossa parte entendemos, que temos já de sobejo pedido com instancia que se cubra aquelle escandalo; acabamos aqui com as reflexões a tal respeito, mas taxal-os-hemos aqui d'homens sem brio nem vergonha, esses a quem compete acabar com semelhante patifaria; não lho fallamos d'esse escandaloso passeio que fizeram junto do convento, e he já poupal-os, mas não queremos que estejam com a estrada n'aquelle estado até que venha outro diluvio.

DESCOBERTA. — Um habitante da Nova Albany (Americo do Vorto) fabrica caixões de vidros para defunctos.

Extrahe o ar do caixão por meio da machina pneumatica, e assim se conservam perfectamente, sem alteração, os cadaveres.

Esta descoberta permite aos vivos ter sempre á vista os restos mortaes das pessoas que lhes eram caras.

OUTRA. — Fez-se ultimamente em Inglaterra uma descoberta para pôr os cofres fortes ao abrigo dos ladrões atrevidos, que se não intimidam com os obstáculos que ordinariamente encontram nos mais fortes e engenhosos cofres em que se deposita o ouro e prata, como são os cofres fallantes, que dão o alarme.

Uma ideia bem mais pratica substituiu em Inglaterra o systema d'alarme. Um engenhoso serralheiro de Birmingham fez a applicação da caixa electrico-magnetica a todos os cofres do antigo systema. A porta principal da caixa é munida de duas azas, por meio das quaes, e com violento esforço se pôde operar a abertura.

Apenas o ladrão agarra as duas azas, forma-se uma corrente electrica, desenvolvida d'um reservatorio d'accumulação. Fica então surpreendido por um raio, prezo com as suas proprias mãos fechadas sem as poder abrir.

O proprio Hercules se confessaria vencido; e a prolongação excessiva d'um tal estado pôde produzir uma paralytia definitiva dos membros affectados.

Ordinariamente o ladrão, quando é descoberto, tem o recurso de fugir, porém com a nova descoberta fica collocado no silio até que um agente de policia appareça para o liviar.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Despachos Telegraphicos.

Marselha 25.

Dizem de Athenas:

« A rainha da Grecia partirá no dia 25 para visitar as provincias do Norte.

Uma proclamação dos ministros depois do attentado qualifica o assassino de joven insensato. Confessou ter premeditado o seu crime; mas não tem cúmplices.

O jornal official diz que o commercio da cidade de Athenas é pouco satisfatorio em consequencia de grandes fallencias, mas accusa muitas de terem sido premeditadas, e promette uma severidade exemplar para reprimir este delicto.»

Marselha 25.

Constantinopla 18. — Omerpachá pede reforços e dinheiro para começar as operações contra o Montenegro.

O principe Nicolau declarou á Porta que não podia recusar socorros aos christãos da Herzegovina, e que offerecerá um asylo a todos os perseguidos.

Muitos captivos montegrinos foram decapitados em Scutari: o povo irritado atacou a guarnição, em socorro da qual Namick-pachá teve de enviar as suas tropas.

Said-pacha partiu no dia 17 para o Egypto, depois de ter exprimido o seu reconhecimento ao Sultão pelo seu excellento acolhimento. Entretanto a questão do istmo de Suez fica suspensa até que as grandes Potencias se intendam.

Espera-se hoje o bey de Tunis.

Napoles 25.

Na noite de 21 para 22 um destacamento francez surprehendeu perto de Veroli um bando reaccionario. Houve combate e a partida foi dispersa. Prisioneiros, feridos, armas, munições e dinheiro ficaram em poder dos francezes. Só um soldado francez ficou ferido.

AGRADECIMENTO E DESPEDIDA.

MANOEL Maria Ferreira de Carvalho, da cidade do Porto, vendo-se obrigado a retirar-se hoje para aquella cidade, em razão de seus urgentes affazeres, e apesar de se achar restabelecido do sinistro que lhe succedeu na freguezia de St.^a Maria do Abade, não pode pessoalmente como deseja-

va agradecer e despedir-se de todas as ill.^{mas} e exc.^{mas} pessoas que lhe fizeram o obsequio de o procurarem e inteirar-se pelo seu restabelecimento, e por isso vem por este meio fazer publico seu agradecimento, e despedir-se saudosamente penhorado por tão distinctos obsequios que recebeu nesta villa sua terra natal: o com especialidade aos habéis e distinctos facultativos que com tanta pericia e generosidade se prestaram ao curativo do sinistro de que foi victima, e tambem especialmente agradece muito e muito do coração o tratamento que recebeu nas cazas dos ill.^{mos} snrs. Paulo José Alves da Silva e Domingos Silverio da Cruz e suas exc.^{mas} familias, que com todo o carinho e incommodos lhe prestaram delicados serviços e generoso tratamento.

A todos faz votos de sincero agradecimento, offerecendo seu limitado prestimo na cidade do Porto a todas as pessoas a quem se confessa summamente grato.

Barcellos 1.^o d'Outubro de 1861.

Manoel Maria Ferreira de Carvalho.

AGRADECIMENTO.

O B. da Retorta, sua mulher a Baroneza, e filhos, não podendo agradecer pessoalmente ás pessoas que lhe fizeram a honra de os procurar por occasião do fallecimento de sua Sogra, e Mai, o fazem por este meio, protestando seu reconhecimento, e gratidão.

B. da Retorta.

ANNUNCIOS.

QUEM quizer arrendar o quintal, que foi de João Antonio Pereira, sito na rua da Nogueira de baixo, desta villa, falle com o Rd.^o Abade do Louro, ou com sua irmã Umbelina Rosa Pereira. (170)

CARLOS Augusto da Silva Campos, com escriptorio em Lisboa, na rua Nova do Carvalho, a S. Paulo, n.^o 71, moderno, segundo andar, encarrega-se de sollicitar quaesquer negocios ecclesiasticos, civis e judiciaes de todos os districtos do reino, para o que se acha competentemente habilitado, pelos seus conhecimentos especiaes, pela pratica que tem, e muitas relações em todas as Repartições Publicas.

Este estabelecimento está montado com todos os elementos proprios e necessarios para satisfazer cabalmente a todos os encargos que lhe forem commettidos.

Quem quizer utilizar-se do seu prestimo, pôde dirigir-se ao escriptorio, pessoalmente ou por carta franca de porte.

N. B. Seu pae, Henrique Carlos de Campos, primeiro official da Contadoria da Junta do Credito

Publico, o Escrivão da Nobreza do Reino, toma igualmente toda a responsabilidade nesta agencia.

(169)



A LUGA-SE a caza e quintal que foi do fallecido José Maria Paes de Villas-boas sita no Campo de S. José desta villa.

COLLEGIO DA ALEGRIA

PARA MENINOS DIRIGIDO POR P.^o NEVES, PROFESSOR DE LATIM NO COLLEGIO DA GUIA.

As proporções e conveniencias da casa, a boa direcção, educação e bons professores nada deixarão a desejar. Quem quizer programmas dirija-se por carta ao Director do mesmo Collegio na rua da Alegria n.^o 283 Porto.

VENDA JUDICIAL.

JOÃO Evangelista de Lima, desta villa, reque-ro perante o juizo de Direito desta comarca, pelo cartorio de Lima, a venda judicial de tres moradas de casas torres e uma terrea, sitas na rua da Nogueira de Cima, e outra terrea na rua das Velhas; para o que está designado o dia 27 do corrente Outubro pelas 10 horas da manhã, no tribunal judicial. (171)

CASA FELIZ

PORTO

Loteria da Misericordia de Lisboa.

7.^a EXTRACÇÃO DO 3.^o TRIMESTRE.

SORTE GRANDE

RS 8:000:000.

CUNHA & RORIZ

Affiançados no Governo Civil do Porto, na conformidade do edital de 28 de Junho de 1860.

Tem á venda nas suas casas de Cambio, rua das Flores n.^o 1 e 3, junto á Igreja da Misericordia, e defronte da Companhia dos Vinhos n.^o 96, bilhetes inteiros, a 6\$600, rs. meios ditos, a 3400, rs. quartos, a 1700, rs. e cautelas de 500 rs. e 250, rs. cuja extracção terá logar no dia 3 de Outubro.

Satisfazem todas e quaesquer encomendas que lhes sejam feitas das provincias, com toda a pontualidade, vindo acompanhadas do respectivo importe em vales do correio; e remittem aos seus freguezes as listas dos premios.

BARCELLOS. — Typographia de José Alves Valongo e Sousa. — Rua Direita n.^o 28.